



O Poder do Rito: um olhar sobre o rito enquanto “memória do mito” no cristianismo primitivo a partir do livro de Atos dos Apóstolos

Rivanildo Segundo Guedes¹

Resumo: Este artigo se propõe a abordar, de maneira panorâmica, o poder do rito no cristianismo primitivo, notadamente a partir do livro de Atos dos Apóstolos. Para tanto, utilizarei algumas ferramentas da Ciência da Religião com destaque especial para a perspectiva fenomenológica, por meio da tríade: Rito-Mito-Etos. Pretendo, portanto, apontar de que maneira o rito, enquanto memória do mito, influenciou o *modus vivendi* dos cristãos primitivos.

Palavras Chave: Rito, Mito, Jesus, Judeu, Torá

Introdução

Sem querer cair no perigo de uma generalização infundada, é possível afirmar que todas as religiões mundiais apresentam três elementos em comum, a saber: *Mito-Rito-Etos*. A partir de uma leitura fenomenológica² do fenômeno religioso cabe dizer que as religiões apresentam, de maneira *substantial*, estes três componentes os quais constroem o “jeito de ser” das religiões concretas.

O mito diz respeito a “crenças fundantes” as quais formam a memória e o imaginário de uma comunidade religiosa. O mito não carece necessariamente³ de uma plausibilidade histórica para que

1 Mestrando em Ciência da Religião no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP.

2 Esta abordagem procura identificar elementos convergentes nas religiões apesar das divergências destas.

3 Não obstante, a religião Judaico-Cristã apresenta seu mito como sendo possível de verificação histórica em diversos pontos. As Escrituras Judaico-Cristãs foram escritas em momentos da história comum à cronologia da história dita “secular”. O mito Judaico-Cristão neste sentido se diferencia bastante dos mitos greco-romanos, os quais são “narrados” em um mundo supra humano, quase “fantasmagórico”. O mito Judaico-Cristão está atrelado ao *viver concreto* de homens e mulheres que estão à procura do sentido real para suas vidas. Isso é o que torna o cristianismo uma religião que trata da *vida* do ponto de vista de Jesus de Nazaré,

seja tomado como verdade pelos fiéis. O rito (veremos com mais detalhes no decorrer deste trabalho) se ocupa da atualização do mito (crenças fundantes) por meio de rituais rotineiros nos encontros coletivos das reuniões religiosas. É como se por meio do rito o mito fosse lembrado e continuasse a exercer a sua força formadora na consciência dos fiéis. E, por fim, o etos tem por função “socializar” o mito por meio da prática na vida concreta dos fiéis para além do “ajuntamento religioso”.

Esta reflexão visa trabalhar o conceito de rito observado no cristianismo de Atos dos Apóstolos, buscando entender de que maneira o rito foi socializado e que impacto isto trouxe para as sociedades da época. A hipótese que defenderemos é a de que as celebrações litúrgicas (ritos) dos primeiros cristãos fortaleciam tanto o mito que este gerou transformações nas comunidades circundantes (etos).

Uma Abordagem sobre o Rito

O rito pode ser visto de dois ângulos: *profano* e *sagrado*. Ainda que esta abordagem de Mircea Eliade seja reducionista⁴, vamos nos valer dela para fins apenas didáticos. Do ponto de vista do *profano* o rito se faz presente em tudo o que fazemos em nosso cotidiano. Desde o escovar dos dentes até a maneira como cumprimentamos o nosso vizinho. O rito tem a ver com *rotina*. São ações que desenvolvemos diariamente e que dão sentido e identidade enquanto pertencentes a um grupo social. M. Vilhena comenta:

Como dado antropológico fundamental, os ritos são elementos constitutivos do viver humano, posto que não há vida social onde não estejam presentes. Ritos são ocasiões para que indivíduos reúnam-se, reconheçam-se, sejam integrados ou excluídos de certas comunidades, reafirmem suas identidades individuais e coletivas (Vilhena, 513).

Mas o nosso interesse é o ponto de vista do rito enquanto “mediador” do *sagrado*. Sem o rito a força da religião (sagrado) se esvazia e perde o seu sentido para a comunidade. Gerd Theissen (169) chega a dizer que: “O contexto comportamental primário de um mito religioso é o rito, não o etos”. Ainda que não seja tão simples fazer distinção entre os dois “tipos” de rito procuraremos trilhar pelas “sendas” do rito religioso:

Tarefa nada fácil, e nem sempre possível, é distinguir com nitidez o profano e o religioso, uma vez que não raramente práticas e con-

o Deus-Homem.

4 Mesmo tendo escrito de um ponto de vista teológico-cristão, Mircea Eliade não levou em consideração o caráter *não dicotômico* da religião Judaico-Cristã.

teúdos de um e de outro se apresentam mesclados no imaginário que subsiste e anima a vida social (Ibid, 514).

Sob a “batuta” da Dra. Vilhena podemos ensaiar uma definição de rito religioso (sagrado) a partir de suas próprias palavras:

Com efeito, rito religioso é termo técnico nem sempre conhecido, mormente em culturas onde não vigora a oposição ou bipolaridade entre o religioso e o cívico, a preocupação com a distinção entre dimensões de imanência e transcendência. Tentativas de definição estrita de ritos religiosos correm sempre o risco de reduções em vista da complexidade, da multimencionalidade, da diversidade de suas apresentações no tempo, no espaço, nas culturas e tradições (Ibid, 514).

Não obstante esta problemática de, ao tentar definir o que seja o rito, reduzi-lo em demasia, se faz necessário tentarmos conceitua-lo par fins de uma pesquisa. Vilhena com a palavra:

Os ritos religiosos intentam estabelecer contatos entre os humanos com algumas destas dimensões mais amplas da existência que transcendam ao empírico, mas que para os sujeitos que assim o creem são reais. Eles são, por excelência, as maneiras apropriadas para o acesso ao sagrado, `as dimensões onde o máximo poder se concentra e daí se esparge. (Vilhena, 514 e 516).

A partir dessas palavras, é possível dizer que o rito religioso faz o contato entre “dois mundos”, quais sejam: o *transcendente* e o *imanente*. O rito religioso tem o trabalho de trazer “o mundo além” para mais perto do ser humano.

O Rito no Cristianismo de Atos dos Apóstolos

O Cristianismo é a religião que se formou a partir de seu fundador,⁵ Jesus de Nazaré. A sua vida, morte e ressurreição⁶ são os elementos basilares que sustentam todo o edifício desta religião que começou no oriente, mas que alcançou o mundo quase que por inteiro tornando-se uma das três maiores religiões mundiais.

.....
5 Na verdade Jesus de Nazaré não intentava formar mais uma religião, e sim, “reformatar” o Judaísmo de sua época. Podemos dizer que o cristianismo foi fundado, de fato, por seus discípulos e, em especial, pelos apóstolos.

6 Crenças que formaram o mito em torno da “figura” de Jesus de Nazaré e que alimentam o cristianismo desde então.

Estes elementos são importantes para entendermos uma das principais razões pelas quais o Cristianismo, embora tenha surgido do Judaísmo, acabou se afastando deste. O Judaísmo tem sua razão de ser enquanto povo e religião em função da Torá⁷. Ou seja, a Torá é o livro que forma a mentalidade do povo Judeu até os dias de hoje. Sem querer se arriscar em demasia, é possível afirmar que sem a Torá não existe Judaísmo. G. Theissen pontua:

Aqui, já se pode observar na história de Israel e do judaísmo uma crescent “teologização” de todas as normas. Não apenas os mandamentos cúlticos e um mínimo de ética fundamental, tais como forma formuladas no Decálogo, mas todas as normas foram reconduzidas `a vontade de Deus e legitimadas a partir da Torá: desse modo, todo o direito foi teologizado, não valia como lei promulgada oficialmente pelo rei, mas, sim, como lei de Deus. Todas as máximas sapienciais de vida foram consideradas como parte da Torá (Theissen, 32-33).

No entanto, Jesus de Nazaré é descrito nos Evangelhos⁸ como sendo alguém acima de Moisés e como sendo o *ultimato da revelação divina* para o seu povo. Para sublinhar esta verdade o evangelista Mateus faz questão de redesenhar a subida de Moisés ao monte Sinai para receber as tábuas da aliança, retratando Jesus subindo ao monte para proferir o famoso sermão do monte⁹. Ou seja, Jesus é retratado como sendo o Legislador por excelência. O evangelista João, em seu prólogo, expõe Jesus de Nazaré como que completando o que Moisés fizera. E, por fim, o autor do livro de Hebreus nos diz que Jesus de Nazaré está acima de Moisés.

Deste modo, Jesus de Nazaré é a “própria” Torá porquanto ele é a revelação definitiva de Deus. Portanto, o mito do Cristianismo se desloca da Torá (Judaísmo) para a própria pessoa de Jesus de Nazaré:

Com frequência, a ética de Jesus é frequentemente apresentada como uma superação da ética judaica da Torá: sua interpretação da Torá tê-la-ia abandonado, ele a teria suprimido nas antíteses, teria superado sua casuística, criticado sua mentalidade retributiva etc. Contudo, somente a partir da perspectiva dos cristãos posteriores, que há muito se tinham afastado do judaísmo, é que Jesus pode ser percebido dessa forma, como um contraste ao judaísmo (Theissen, 49).

7 Os Cinco primeiros Livros da Bíblia Hebraica atribuídos, tradicionalmente, a Moisés. A Torá é como se fosse a vontade mais direta e clara de Deus para o seu povo, Israel.

8 Os quatro primeiros livros do Novo Testamento os quais tentam escrever uma “biografia” de Jesus.

9 Este sermão corresponde aos capítulos 5 ao 7 do Evangelho de Mateus. Nele Jesus aborda a vida do ser humano `a luz da revelação divina. Com isso Mateus está afirmando a palavra de Jesus tem mais “peso” que a de Moisés.

É importante sublinharmos estas ideias uma vez que o rito depende diretamente do mito. Ademias, um não existe sem o outro: “Sendo assim, mito e rito mapeiam o mundo ao assinalar e construir espaços físicos que são concomitantemente metafísicos, lugares de referência para o trânsito de pessoas e grupos” (Vilhena, 516).

O livro de Atos dos Apóstolos foi escrito, tradicionalmente, por Lucas o companheiro de viagens do Apóstolo Paulo e autor do terceiro Evangelho. Provavelmente o livro foi escrito entre 62 e 70 da era comum e retrata os primeiros anos da chamada igreja corpo de Cristo¹⁰. Isto é, Lucas busca desenhar a maneira de viver dos primeiros cristãos a partir da ascensão de Jesus de Nazaré (agora o Cristo) e a descida do Espírito Santo¹¹. Uma das prováveis razões de Lucas escrever Atos dos Apóstolos foi postulada por R. Dillon¹²:

A preocupação de Lucas não era explicar as razões por que os judeus deixaram de abraçar o evangelho, “mas sim enfrentar a real dificuldade teológica que tal rejeição representava para os cristãos”. Como poderiam não judeus ver valor e, algo que tinha suas raízes no judaísmo, mas que a maioria dos judeus rejeitava? Para sustentar sua tese da “continuidade” em face de tudo isto, Lucas tinha de estabelecer o nexos histórico entre Israel e Jesus, por um lado (o Evangelho), e entre Jesus e a igreja, por outro (Atos), e assim demonstrar o escopo pleno do plano divino em que a igreja do presente mostra ser o destino adequado da relação de Deus com Israel (Dillon, 312).

Lucas busca apresentar o Cristianismo como sendo a religião que acolhe tanto Judeus quanto “pagãos” (pessoas vindas de religiões greco-romanas). O texto do livro de Atos dos Apóstolos que melhor representa a prática do rito no Cristianismo é o seguinte:

E eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada um havia temor, e muitos sinais e feitos extraordinários eram realizados pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. E, perseverando de comum acordo todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com o favor de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos (Atos 2:42-47).

10 Uma das maneiras que a igreja (o cristianismo inicial) ficou conhecido.

11 Tradicionalmente chamado daquele que daria continuidade, por meio da igreja de Jesus, o trabalho que este havia iniciado quando estava no mundo.

12 Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos.

Lucas nos diz que os cristãos se reuniam com regularidade (no templo e nas casas) a fim de celebrarem e rememorarem o que foi ensinado por Jesus de Nazaré aos apóstolos. O fato deles se reunirem para “ritualizarem” o mito fazia com que a nova identidade advinda de Cristo fosse sendo formada e confirmada nos fiéis.

O ritual cristão nos primórdios consistia: a) no entoar de hinos e cânticos sobre a pessoa de Jesus de Nazaré (salvação e senhorio); b) na exposição do Antigo Testamento a partir do evento-cristo¹³ e c) na participação na Ceia do Senhor (Eucaristia). No entanto, o que deveria decorrer do rito seria uma conduta de vida à semelhança de Jesus de Nazaré onde o amor¹⁴ e a humildade seriam o principal cartão postal da “comunidade de Jesus”:

Os primeiros cristãos querem corresponder, de maneira exemplar, a muitas normas do mundo pagão circundante. Ao mesmo tempo, porém, chega-se aqui a uma transformação qualitativa do etos. O cristianismo primitivo introduz no mundo pagão dois valores oriundos da tradição judaica, os quais, dessa forma, são novos: o amor ao próximo e a humildade (ou a renúncia ao *status*). Ao lado de uma acomodação aos valores e normas do mundo pagão (com pretensão de superioridade), surge, por conseguinte, a consciência de uma antinomia em relação a ele. Paralelamente à pretensão de cumprir melhor do que todos os demais as normas comuns do mundo ambiente, surge uma consciência contracultural de que a religião cristã primitiva mostra-se quase como uma “religião de excêntricos” (Theissen, 98).

Esta realidade do amor/humildade era expressa dentro do círculo da própria comunidade cristã, mas também, alhures. O sociólogo norte-americano Rodney Stark traz uma excelente contribuição quando disse que:

Acredito que foram as doutrinas religiosas particulares que permitiram ao cristianismo situar-se entre os movimentos de revitalização mais arrebatadores e bem-sucedidos da história. E foi dessa forma que tais doutrinas efetivamente se concretizaram, direcionaram as ações organizacionais e o comportamento individual, além de acarretar o crescimento do cristianismo (Stark, 236).

.....
13 A nova chave hermenêutica eram as palavras e ações do próprio Jesus de Nazaré. Todo o Primeiro Testamento passou a ser lido a partir destas novas lentes.

14 Geralmente este amor é traduzido por ágape que é a *decisão/ação* de Deus em se relacionar com a humanidade em Cristo Jesus. Este amor é traduzido no Antigo Testamento como sendo o *amor fiel* de Deus (Hesed) o qual é muito mais uma ação concreta em prol do outro do que, simplesmente, um sentimento passageiro.

Stark vai mais longe ao dizer que o cristianismo dos primeiros séculos, embalado pelo mito-Jesus-amor/humildade reforçado em seus ritos de celebração, foi uma grande força para a ajuda aos mais carentes da sociedade da época. Por causa do poder do rito enquanto “memória do mito” o cristianismo conseguiu ser uma grande ajuda “humanitária” para as cidades greco-romanas da época. Stark com a palavra:

A título de antecipação dessas discussões, gostaria apenas de sugerir aqui que o cristianismo revitalizou a vida nas cidades greco-romanas ao proporcionar novas normas e novas modalidades de relacionamentos capazes de fazer frente a graves problemas urbanos. As cidades repletas por sem-teto e por pobres, o cristianismo veio trazer caridade e esperança. As cidades povoadas de forasteiros e de estrangeiros, o cristianismo propiciou uma base para o estabelecimento de vínculos. As cidades cheias de órfãos e viúvas, o cristianismo ofereceu um novo e ampliado senso de família. As cidades dilaceradas pelo virulento antagonismo étnico, o cristianismo lançou novas bases para a solidariedade social. Por fim, a cidades que viviam a braços com epidemias, incêndios e terremotos, o cristianismo proporcionou um efetivo serviço assistencial (Stark, 236).

O mito Jesus-amor/humildade era atualizado por meio do rito a fim de conduzir os cristãos para o mundo com o objetivo de vivenciarem (*etos*) o caráter de Jesus de Nazaré por meio de ações-ágapé de mudança do *establishment* vigente.

Conclusão

O rito tem o poder de “injetar” nos fiéis todo o líquido responsável por dar sentido e vigor à vida. O rito possui essa peculiaridade pelo fato de tornar coesos os fiéis facilitando a natureza coletiva da existência humana. Sendo assim, ao se reunirem para uma celebração religiosa (seja ela qual for) os fiéis se sentem *conduzidos* pela força do rito, enquanto “memória do mito”, para que vivam no mundo (*etos*) a partir dos preceitos de sua religião.

Bibliografia

- PASSOS, J. D.-USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.
- STARK, R. *O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera o cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- THEISSEN, G. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

Recebido: 14/06/2014

Aprovado: 23/08/2014